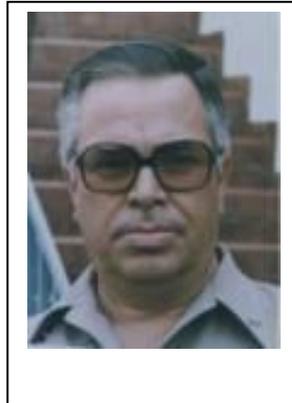


O BARÃO DO RIO BRANCO UM DIPLOMATA COM ALMA DE SOLDADO

FHE **POUPEX**



Coronel Eng Claudio Moreira Bento

Historiador Militar e Jornalista. Natural de Canguçu-RS. e ex- comandante do 4º Batalhão de Engenharia de Combate em Itajuba-MG 1981-1982 e um dos historiadores da Arma de Engenharia. Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemerito do Instituto de História e Geografia Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e integrou a Comissão de História do Exército do Estado-Maior do Exército. 1971-1974. Foi instrutor de História Militar na AMAN 1978-1980 . Dirigiu o Arquivo Histórico do Exército 1985-1980. Resgatou a História de seu berço natal Canguçu, em especial em vários livros e artigos e em seu livro Canguçu reencontro com a História um exemplo de reconstituição de memória comunitária. Resende: AHIMTB/ACANDHIS, 2007, cujas capas são de autoria de seu filho Capitão de Mar- e- Guerra Carlos Norberto Stumpf

Artigo digitalizado para disponibilizá-lo em Livros e Plaquetas, no site da FAHIMTB www.ahitb.org.br e cópia impressa no acervo da FAHIMTB, doado em Boletim a AMAN , e em levantamento para colocá-la no Pergamium

BARÃO DO RIO BRANCO –UM DIPLOMATA COM ALMA DE SOLDADO

Cel Cláudio Moreira Bento

Em 1905

Embora a paz mundial seja ideal perseguido, as nações procuram dispor, dentro das suas possibilidades, de forças armadas o melhor organizadas, equipadas e motivadas para um emprego eventual indesejado.

No Brasil, poucos estadistas civis, como o Barão de Rio Branco, que passou à História do Brasil como o **Chanceler da Paz**, compreenderam e responderam em seu tempo, à altura, a esta pergunta de difícil resposta para quem não possua perspectiva histórica brasileira: Forças Armadas Brasileiras para quê? Rio Branco respondeu adequadamente dizendo ser fundamental o Brasil dispor de forças armadas à altura de suas potencialidades e com os objetivos de servirem:

- De dissuasão a aventuras militares internas e externas;
- De respaldo à política internacional do Brasil, como elementos de emprego em emergências imprevisíveis, internas e externas;
- Como núcleos de expansão na eventualidade de uma guerra;
- E, finalmente, como elementos de preservação e divulgação do patrimônio por elas acumulado, em Arte e Ciência Militar, ao longo do processo histórico, no caso do Brasil em quase cinco séculos de lutas vitoriosas, que contribuiriam para delinear, consolidar e manter um Brasil de dimensões continentais.

E desta última circunstância, Rio Branco adquiriu profunda consciência, através dos estudos de História Militar do Brasil que realizou. Constatar é obra de simples verificação de suas **Efemérides Brasileiras**, lidas sempre no início das sessões do sesquicentenário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que ele presidiu e onde ingressou aos 22 anos, em 1866, na presença do Imperador D. Pedro II, quando ia acesa e viva a Guerra do Paraguai, em cujos estudos se assinalou, e à qual a Europa conheceu, em parte, por seus escritos enviados a jornais de lá.

Em sua posse no IHGB, biografou o Marechal José de Abreu “**O Anjo da Vitória**”, herói de nossas guerras cisplatinas, e que morreu em ação em 1827 na Batalha do Passo do Rosário. O Barão do Rio Branco foi um notável historiador militar brasileiro que a Academia de História Militar Terrestre do Brasil consagrou, como ato de justiça na voz da História, como um dos historiadores civis patronos de cadeira.

A vocação de Rio Branco para a História Militar foi compulsiva. Aos 16 anos biografou o Capitão de -Fragata Barroso Pereira; aos 19, escreveu **Episódios da Guerra do Prata**. A seguir, escreveu sobre o Marechal José de Abreu. Prosseguiu firme nesta linha de estudos que, segundo o historiador Roberto de Assunção: “**desabrocharam nos magistrais estudos sobre a Guerra do Paraguai e nas memórias escritas em defesa dos direitos do Brasil nas questões de limites com a Argentina, França e Inglaterra.**”

Foi notável o seu interesse pelo nosso fortalecimento militar, que ele ajudou a impulsionar através da Reforma Militar nos governos de Rodrigues Alves, Afonso Pena e Hermes da Fonseca, como ministro das Relações Exteriores, e sob o argumento: ...para que “**o Brasil pudesse desempenhar, com prestígio e segurança, o papel que lhe cabia no convívio das nações**”.

Ajudou a recolocar o Exército no rumo do profissionalismo militar depois de um triste período de esforço equivocado no bacharelismo militar de 1873-1905, em decorrência dos regulamentos de ensino de 1873 e 1890, que minaram as possibilidades de operacionalidade do Exército, que haviam atingido níveis inferiores aos dos tempos da Guerra do Paraguai, para o cumprimento de missões de defesa interna e externa do Brasil.

A ação de Rio Branco permitiu a incorporação pacífica ao território brasileiro, de milhares de quilômetros quadrados, fruto de sua superior ação diplomática “**inteligente e sem vaidade, franca sem indiscrição e enérgica sem arrogância**”, calcada no profundo conhecimento do

processo histórico brasileiro e da sua história militar terrestre e naval, que desenvolveu e valorizou, como instrumentos de desenvolvimento do Brasil, como ninguém até hoje conseguiu fazer, salvo melhor juízo.

Rio Branco conquistou a paz preparando a Nação para melhor enfrentar a alternativa indesejável de uma guerra. Em seus estudos sobre a Guerra do Paraguai manteve contatos estreitos com o Duque de Caxias, consagrado como o Pacificador e o maior de nossos generais, o patrono do Exército Brasileiro e da Academia de História Militar Terrestre do Brasil.

Em diversas oportunidades demonstrou consideração pelos militares: ***“minha simpatia e meu verdadeiro afeto pelos militares de terra e mar são muito antigos, pois vem dos tempos remotos da primeira mocidade. Desde os bancos do antigo Colégio Pedro II que comecei a interessar-me por nossas glórias militares conquistadas na defesa dos direitos e da honra da antiga mãe pátria e de suas possessões nesta parte do mundo e, depois, na defesa da dignidade e dos direitos do Brasil em sua vida independente... Tive a honra de conviver de perto com muitos de nossos generais mais ilustres: Caxias, Porto Alegre, Osório, Barroso, Inhaúma e outros e, de todos tenho a fortuna de guardar apontamentos preciosos e provas escritas de seus afetos e estimas... Os sentimentos de minha mocidade para com o Exército e Marinha não se arrefeceram nunca, antes foram crescendo sempre, à medida que pude apreciar melhor a necessidade e conveniência dessas instituições, sem as quais, na posição que ocupa o Brasil neste continente, não se pode ter a prévia segurança da conservação da paz que ele tanto precisa e que precisam todos os povos”***.

Diplomata de escol com alma de soldado, assim definia a relação soldado-diplomata:

“Eles são sócios que se prestam mútuo auxílio. Um expõe o direito e argumenta com ele em prol da comunidade. O outro bate-se para vingar o direito agredido , respondendo à violência com violência”.

O General Tasso Fragoso, ao retornar de Adido Militar na Argentina, a época da Questão de Palmas, foi encarregado de saudar Rio Branco no Clube Militar. Ressaltou sua ação ***“na estabilização de nossas fronteiras, sem o recurso da força armada, por sustentar seus pontos de vista com o recurso de profundos e sólidos conhecimentos da História Militar do Brasil”***.

Tasso Fragoso, ao editar, em 1922, ***A Batalha do Passo do Rosário***, a dedicou:

“À memória do Rio Branco, cuja ação e escritos são exemplos de extremado amor ao Brasil e de intensa fé nos seus gloriosos destinos. Como testemunho de admiração e de saudade”.

Na História atual temos exemplos de nações que preferiram acumular riquezas à gastá-las com forças armadas à altura de suas potencialidades. A primeira foi o Líbano, a outrora Suíça do Oriente, hoje curando as dolorosas feridas de uma prolongada luta fratricida por inspiração inclusive religiosa, que imolou milhares de inocentes e deixou marcas profundas em sua paisagem e nos corações de seus filhos. A segunda foi o Kuwait, riquíssimo, mas indefeso por opção, que acabou sendo invadido, e humilhado pelo Iraque e somente resgatado quase em ruínas após servir de palco à mais moderna e sofisticada guerra.

Eis as lições que o historiador militar brasileiro Barão do Rio Branco cedo aprendeu e que assim traduziu o General Aurélio de Goes Monteiro Chefe do Estado – Maior do Exército(EME) durante a 2ª Guerra Mundial :

“Na ordem internacional a melhor prova de sensatez e inteligência é amparar as boas intenções com as melhores armas possíveis”.

Dedico este estudo como subsídio à reflexão dos brasileiros que sinceramente procuram resposta para a pergunta: Forças Armadas Brasileiras para quê? Se dúvidas persistirem, recorram à História como o fez um dia o hoje esquecido pela mídia – Barão do Rio Branco, o Chanceler da Paz.

(x) Presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil

